AS CONTRIBUIÇÕES DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS INFANTIS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

REGIANE DE SANTANA SANTOS E SANTOS

RESUMO

Nas contações de histórias as crianças começam a ter a percepção de que seus medos e incertezas vão se tornando menores de acordo com o educador que as faz refletir sobre os mesmos, as suas relações sociais vão ficando com conflitos menores, devido a momentos de conversa dos combinados da turma, como regras de convivência e respeito. O amor vai surgindo por meio do respeito ao próximo, das atitudes altruístas e de carinho. Dessa forma, a criança vai notando que a amizade é uma conquista fundamental para seu cotidiano. Os contos de fadas ajudam as crianças a trabalharem com sentimentos de angustias e frustrações. Por meio deles as crianças começam a perceber que coisas ruins podem acontecer na vida de uma pessoa e podem ser passageiros, pois sempre há uma pessoa boa, que para eles pode ser a fada, para auxiliar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou mesmo a professora. No decorrer desse artigo procura se abordar reflexões a respeito da contação de histórias, bem como a importância de entrar no Universo Infantil por meio dos contos de fadas.

Palavras-Chave: Contação de histórias; Universo Infantil; Importância

INTRODUÇÃO

Paradoxalmente, muitas vezes ouvimos que a leitura está em crise, que em geral as pessoas leem muito pouco e que as crianças não querem ler, mas agora publicam-se mais livros do que antes e mais pessoas têm acesso à educação e sabem ler. É estranho que reconheçamos os benefícios da leitura ao mesmo tempo em que se diagnostica pouco interesse por essa atividade, principalmente pela leitura de livros. Este problema é complexo, multifatorial e transcende o âmbito limitado da sala de aula, que alguns tentam circunscrever.

Não obstante ao exposto, é preciso qualificar e relativizar diagnósticos categóricos como "criança não lê", "criança não gosta de ler" ou "não sabe ler". Talvez, ao invés de insistir na importância de ler, sem melhores fundamentos e com os argumentos tautológicos de que a leitura é importante para melhorar a compreensão da leitura ou para valorizar a literatura, seria mais produtivo experimentar a leitura, ou seja, leia, aproxime os livros de crianças, de jovens, de pessoas, converse e dívida livros. As crianças não vão querer ler porque um adulto diz que ler é bom, aliás, isso seria motivo de desconfiança ou rejeição. A leitura como dogma não deve e não está dando bons frutos.

O circuito de produção e recepção do livro infantil tem características específicas e complexas: os atores da comunicação correspondem a diferentes esferas: autores, intermediários ou mediadores (instituições, editoras, escolas), críticos e leitores. Como aponta Luch, o leitor torna-se duplo: o adulto é a criança. O adulto, que pode ser alguém da família ou um mediador, é quem compra, recomenda ou estabelece as leituras, principalmente para os leitores mais jovens. Esta mediação da leitura, presente e importante na leitura infantil, implica um ato de comunicação sobre ou sobre o qual se torna necessário refletir, seja “ler sozinho” ou “com outros”.

Entretanto, hoje as crianças exercem cada vez mais o direito de escolher ou ler e opinar sobre os livros, pois há uma melhor definição de um campo da literatura infantil, com escritores que assumem seu destinatário. Portanto, assume-se que as crianças também são destinadas a esses textos. Encontramos cada vez mais livros cujos paratextos apelam diretamente às crianças e não aos mediadores. As crianças estão sendo mais apreciadas em seus gostos, ou isso é evidenciado pelos índices de vendas das obras de alguns autores, que muitas vezes superam as vendas de escritores adultos best-sellers.

Entretanto, isso não significa que nós, adultos, nos desvinculemos de nosso papel na educação da leitura. Pelo contrário, a vasta produção de literatura infantil nas últimas décadas tornou essa tarefa mais urgente, que para os professores é ainda mais urgente. Assistimos hoje a um aumento significativo da publicação de literatura infanto-juvenil.

Ao contrário do que se possa pensar, não é fácil escrever literatura infantil de qualidade, assim como não é fácil escrever literatura ou, de forma mais geral, criar uma obra de arte. Não se trata de renunciar à dimensão estética da literatura infantil como condição indesculpável.

Compreendemos, enquanto mediadores, que textos podemos escolher para as crianças que vamos ler ou para ler com elas e para elas? A resposta que se pretende dar não é uma lista de livros ou uma lista de tópicos. A resposta é geral e fundamental, e está relacionada com a qualidade dos trabalhos. Por vezes encontramos o critério de qualidade literária como um aspeto importante a considerar na seleção de textos para crianças, no entanto, não é especificado ou enten-

dido por um trabalho de qualidade.

OS CONTOS DE FADAS

O mundo dos contos de fada só fica cor de rosa quando começa a ser feita a distinção entre infância e vida adulta. "A invenção da infância ocorre no século 18, quando as casas são separadas em quarto, sala e cozinha, e as tarefas e interesses também começam a ser divididos. É quando a redenção chega aos contos e se enfatiza o final feliz.

A história vai perdendo sua característica de saga local e se transforma em Contos de Fadas, como nos fala FRANZ:

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com BETTELHEIM (1979, p.34), apenas pode afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (Bettelheim, 1979, p. 34)

Dessa forma, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (1998), a obra mais famosa de Perrault foi intitulada “Os Contos da Mãe Gansa”, sendo que esta era uma personagem (Mère l’Oye) de velhos contos populares, muito familiares aos franceses: sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, as fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiquíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) trazem-nos outras características encontradas nos contos de Andersen, que o consagram hoje como o pai da literatura infantil: “a literatura assinala três importantes vértices que tornam a obra de Andersen inédita: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança. ” (2009, p.137).

Coelho (1998, p.78) finaliza afirmando que: “Enfim, sente-se, em todos os contos de Andersen, o esforço de racionalização do imaginário, em benefício de um mundo real mais gratificante para todos os homens.”.

Os antigos modelos autoritários, no qual a criança é apenas o receptor passivo de normas, devem dar lugar às literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo, e busca desenvolver e estimular sua criticidade para que venha a se tornar um sujeito transformador. A literatura leva a criança a se questionar sobre a sua condição no mundo, considerando-se que a consciência do mundo se dá a partir do momento em que a criança consegue estabelecer uma relação com o livro e, a partir deste, construir um sentido para a sua realidade. É importante lembrar, no entanto, que, no caso da literatura infantil essa mediação, entre o leitor e o livro, pode ser realizada por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 1987, p. 29)

Muitos autores, ao escrever sobre a imaginação, buscam defini-la em conceitos. Para Girardello (2011, p.76), a "imaginação é para criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não"

Todas essas formas de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, fundidas, confundidas, transformadas se espalham por toda parte e permanecem até hoje como uma rede.

Não se pode precisar ao qual se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com Bettelheim(1979), apenas pode afirmar-se que ambos provém de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1979, p. 34)

Assim, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas através das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

Segundo Albino (2010, p. 4):

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação:

Histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Todas as formas de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, conforme foram sendo transformadas se espalharam por toda parte e permanecem até os dias atuais em todos os países do Mundo.

De acordo com Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos coma e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

Os contos de fadas são fundamentais para a formação e a

Aprendizagem das crianças, sendo formas simbólicas, pelas quais despertam-se vários sentimentos.

Ao escutar histórias a criança entra em um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo, tornando-se capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa.

De acordo com Franz (1981, p. 33):

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

Percebe-se que os contos de fadas são influenciados pela política que o país vivencia, sendo também uma forma de expressar opiniões em forma de metáforas para denunciar os governos.

Segundo Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato foi o autor que deu

início à literatura infantil, criando mundos e seres imaginários, por meio das aventuras de seus personagens, sempre instigando a imaginação das crianças que têm contato com suas obras até os dias atuais.

De acordo com Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, atualmente a literatura preserva seus elementos da narrativa dos contos de fadas, mostrando uma preocupação com os problemas da vida cotidiana por meio dos livros, que são adaptados às necessidades sociais.

A IMPORTÂNCIA DE CONTAR E ESCUTAR UMA HISTÓRIA

Segundo Freud (apud Fromm, 1962) todo sonho é uma expressão relevante da vida interior e, sua interpretação, é o caminho para a compreensão do inconsciente. Freud (apud Fromm, 1962:17) percebeu que os sonhos não se diferenciam dos mitos e Contos de Fadas, e que são um fenômeno humano universal. Numa história, a sucessão de acontecimentos representa a experiência interna do herói - história latente – numa linguagem simbólica.

As crianças ao lerem/escutarem Histórias entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se "de fora" da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução.

Temos que ter em mente que ao analisar os significados dos contos, pode haver um apego demasiado a alguns aspectos não existentes em relatos mais antigos.

As histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastantes complexas, pois oferecem possibilidades de se construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade, visto que em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias e os Contos guardam a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. Dessa forma, pode-se dizer que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, sobretudo, o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa.

Percebe-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou escuta uma história vivencia experiências diversas e dá início a imaginação, fazendo uma interlocução entre a história e sua vida real.

As histórias e os contos de fada contribuem com o processo ensino aprendizagem e na cultura brasileira existe uma influência muito grande.

Por meio dos contos de fada pode-se observar problemas interiores dos indivíduos, fundamentalmente, das crianças e suas atuações em qualquer sociedade.

A literatura é o reflexo da cultura de um povo, fundamentais para serem trabalhados no Universo Infantil.

Os contos de fada nos trazem informações de tempos antigos, no qual percebemos variados estilos de vida, criações, dentre outros, que permitem cada vez mais a evolução, passando de geração em geração.

A inclusão de elementos mágicos, personagens à procura de tesouros, heróis com poderes diversos, entre outros, desperta a curiosidade da criança para o mundo literário, indo além de uma simples história, e sim podendo trabalhar com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

Conclui-se que a criança, quando participa, por meio da leitura, dessas histórias, acredita que os seus conflitos também podem ser solucionados da mesma forma, pois,

ao se familiarizar com as questões apresentadas nos contos, ela entende melhor o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Além disso, as histórias oferecem novas dimensões à imaginação do pequeno, que ele não poderia descobrir verdadeiramente por si só, percebendo que as situações apresentadas são idênticas às suas, porém com a presença do maravilhoso, terminam sempre com a frase "e viveram felizes para sempre". Isso permite que ela acredite no que o conto diz, já que a forma mágica e otimista de ver o mundo que a história apresenta está de acordo com a sua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998. 3 v. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 27 nov.2022.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KUPSTAS Márcia. et al. Sete faces do conto de fadas. São Paulo: Moderna, 1993.

MIRANDA Marília Gouvêa. O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança. In: Psicologia social: O homem em movimento. LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.